



## Sete dias com Elisa





Sete dias com Elisa

1ª edição, setembro 2020

Óscar Senra Gómez

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)

[atraves@a.gal](mailto:atraves@a.gal)

[www.atraves-editora.om](http://www.atraves-editora.om)

ISBN: C 1002-2020

Depósito legal: 978-84-16545-47-6

Coordenação: Víctor Giadás

Capa: Miguel Durán

Diagramação: Teresa Crisanta V. Pilhado

Revisão: Valentim Fagim e Joana Palha

Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica



Licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0)

Este livro está escrito numa variedade galega do português.

Para Aira

*I want some sugar in my bowl, I ain't foolin'*

Nina Simone

**SEGUNDA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO**



## Manhã de segunda-feira

“A felicidade é o verdadeiro mistério do universo. Eu escolho esse mistério, alguma gente escolhe Deus, outra a vida extra-terrestre. De agora em diante essa será a minha fé, porque só podemos ter fé em mistérios, não é assim? Para podermos acreditar com fé, temos que escolher primeiro aquilo que nos deixe sem respostas ou cujo argumento defensivo terminal seja o de ‘ninguém pode demonstrar o contrário’. Pois para mim a felicidade é todo um mistério, é intangível e difícil de definir, ao mesmo tempo que tenho muita fé nela, porque obra milagres, é curativa e intemporal. Alguém observa incoerências no meu discurso? Ninguém tem nada contra?”. Elisa limpou as mãos ao avental e olhou à sua volta com seriedade. O silêncio pareceu eternizar-se até que Santo Agostinho decidiu cacarejar dissimuladamente emitindo um sonoro protesto, enquanto arrastava a crista contra o chão, como que a querer tirá-la da cabeça. Já Amália lhe tinha dito que essa galinha não era normal. Enquanto as demais faziam a vida que se lhes supunha, dando voltas sobre si mesmas e batendo com o peteiro à procura de comida quase sempre invisível, Santo Agostinho olhava de esguelha para as companheiras e boa parte do tempo passava-o imóvel, como fera à espreita. Amália insistia que podia ser pelo nome que lhe dera, “é pouco adequado, transtornou-a, não vêes que as galinhas são fêmeas? E se o cura souber que lhe deste nome

de um santo...”. O que Amália não compreendia era que esse galinheiro representava a continuidade da audiência que perdera ao reformar-se e deixar de dar aulas, outro fórum irresponsivo onde também costumava batizar mentalmente alguns dos espécimes assistentes. Este não era, portanto, o primeiro Santo Agostinho da sua vida, tivera três ao longo dos seus trinta e três anos de professora, e todos tinham algo em comum: olhavam para ela de esguelha, calados e sem se moverem. Dous rapazes, uma rapariga e agora, uma galinha. Esse tipo de gente passava sempre sem chamar a atenção pola sua aula e pola sua vida.

Elisa afastou com o pé Santa Teresa, que insistia em peteirar entre as suas pernas, e tentou centrar a atenção no quadro que começara no dia anterior. Agarrou com energia o lápis e concentrou-se com todas as suas forças no poleiro. Era a segunda tentativa de transferir à tela o contorno das duas varas em paralelo. Que material utilizaria desta vez? Aguarela, tinta acrílica ou a óleo? “Merda”, berrou, enquanto tentava dar um pontapé em Santa Teresa, que pulou a bater as asas para cair uns metros à sua direita, sobre Séneca, que cacarejou zangada perante o olhar indignado da sua inseparável companheira, a galinha-ainda-sem-nome. “Desculpade todas, parece mentira que com a minha idade tenha tanta pressa, nem comecei uma cousa e já penso na seguinte”, dito isto, Elisa deixou o lápis no cavalete, pensou em levá-lo com ela mas decidiu deixá-lo ficar, “assim embebes-te do ambiente”. Saiu do galinheiro e inspirou fundo. Continuava a não gostar delas mas já não tinha nojo do

cheiro das galinhas. Fora uma auto-imposição, não podia viver no campo sem as ter. O filho avisara-a. “Pode ser difícil para alguém de cidade”. Que saberia o seu filho de animais? Como tinha viajado tanto, talvez tivesse alguma experiência com galinhas? Dele poderia esperar quase qualquer coisa, mas era seu filho e sempre o seria, não conseguiu escolher outro, não lhe deram essa oportunidade. Queria-o na mesma. “Onde estará esse condenado?”.

Para evitar pensar sobre a sua outra filha, fechou os olhos e inspirou novamente o ar fresco. O seu olfato distinguiu matices de pinheiro e eucalipto, vindos talvez do monte que estava atrás da casa, sentiu também uma ligeira mudança na direção do vento que lhe levou, rápido como um bofetão, o fedor do enxurro que o vizinho tinha regado no terreno à esquerda da casa. Suspirou e tirou um cigarro e um isqueiro do bolso do avental. Acendeu-o e percebeu, na distância, como Amália sachava na horta. Olhou para a sua própria horta, e sentiu remorsos, “quantas cousas deveria fazer e saber que nem fago nem sei?”.

O som do telefone tirou-a do seu devaneio favorito, aquele acompanhado do fumo do tabaco. Apoiou o cigarro na janela, deixou as botas na entrada da casa e caminhou descalça até ao telefone, instalado no quarto, sentindo como o frio e a dureza do chão trespassavam as suas meias. Era o condenado do filho, que viria de visita no dia seguinte. Elisa preferiu agradecer a visita e deixar as perguntas para mais tarde, não fosse arrepender-se e passar outros seis meses sem a vir ver.

As perguntas sempre lhas servia frias, com a sobremesa, para primeiro lhe dar a oportunidade de lhe contar a sua vida por vontade própria, sem pressões. Calçou umas pantufas e voltou para fora, recolheu o pouco que restava do cigarro e sentou-se numa das cadeiras de plástico que tinha à volta da mesa situada diante da casa, sobre um estreito passeio de cimento que a rodeava. Dali podia observar com calma a paisagem. Acendeu outro cigarro, tentando repetir essa espécie de transe que tinha conseguido alcançar noutras ocasiões ao fumar, tendo a sensação de sobrevoar tudo, sobretudo a si mesma.

Ali sentada conseguiu contemplar melhor os seus pés, apoiados sobre as pantufas velhas e sujas, as meias finas e com pequenos buracos, talvez por serem velhas ou demasiado usadas. Podia ver também um pouco de pele, a que ficava entre as meias e o avental. Apenas uns vinte centímetros de pele branca, com algumas manchas escuras, com as varizes a surgir. Notou os olhos humedecidos e, sem se dar conta, começaram a chorar, como uma chuva imprevista que não se corresponde com o céu azul, que se corresponde com uma nuvem escura. Não compreendia esse choro. Era polo avanço da idade? Era uma idosa e não tinha problema com isso. De onde raios vinha essa nuvem? Olhou para a palma da mão direita e justamente nesse momento sentiu a frialdade duma pinga caindo sobre ela. E soubo-o. Lembrou-se da data. Vinte e quatro de setembro. Cumpriam-se quatro anos da morte de Simen. De alguma maneira estivera soterrando a efeméride



longe da sua consciência. Para o esquecer. Mas tinha voltado como um bumerangue.

Tinha que ir à casa de banho, tinha que beber água, tinha que fazer a comida, e, depois, sem mais demora, por muito que lhe custasse, tinha de fazer o único ritual que a punha de bem consigo nessa data. Não podia sofrer todos os vinte e quatro dos restantes setembros da sua vida. Já o dizia Séneca, o filósofo, não a galinha, “é feliz quem está contente com a sua sorte atual, seja ela qual for, e ama o que tem”. “Segundo ele”, pensou Elisa, “apenas preciso de definir qual é a minha sorte atual e ver o que tenho à mão para poder amar. Então, deverei ser feliz”.

Seguiu a ordem que se tinha proposto. Foi à casa de banho. Chorou. Bebeu água, dous copos. E meteu patacas, cenouras e dous ovos a cozer com cebola e sal. Só depois é que foi ao quarto, abriu a gaveta de cima da cómoda, escolheu um objeto ao acaso, meteu-o no bolso e fechou de novo a gaveta. Foi à cozinha buscar uma colher grande, saiu da casa e calçou as galochas. Rodeou a casa até à parte traseira, só dez metros depois é que começava um pequeno bosque de eucalíptos e pinheiros. Entre eles escondiam-se dous castanheiros e uma velha sobreira, para a qual dirigiu os seus passos. Estava protegida por cinquenta metros de tojos, fentos e silvas. Pouco depois já cruzava uma estrada pequena duma só via, por onde quase nunca passava ninguém. Dirigiu-se à base da sobreira, ajoelhou-se com esforço, apoiando-se no tronco, arrancou um par de fentos e com a colher começou a fazer um

pequeno buraco na terra. Suficientemente grande para enterrar um novo vinte e quatro de setembro. Este ano enterraria o relógio de Simen. No ano anterior, foram os seus óculos. No anterior do anterior, o seu caderno preto. No primeiro de todos, deitara ao lixo toda a sua roupa, quase tudo o que era dele, exceto o que estava na gaveta da cómoda.

Passaram-se já quatro anos desde a sua morte. A cada ano Elisa conseguia desprender-se de um objeto seu. Mas não dele. De cada vez, Elisa evitava contar os objetos que ainda estavam dentro da gaveta. Sentia que se o fizesse estaria a contar os anos de vida que lhe restavam a si mesma. “Grande estupidez! Meu Simen, se me visses, aqui, de joelhos, como uma rapariga enterrando segredos, o que farias? Ririam? Chorarias por pena de mim? Abririas o teu caderno preto e anotarias qualquer coisa nesse teu idioma? Já mo dizia minha mãe, onde ia eu com um do norte que nem sequer era sueco? Da Noruega? Como o bacalhau! Como se sendo daqui não me fosses morrer. E morreste, cabrão, morreste-me. E não te vás, continuas aqui. Talvez seja esta a minha sorte atual. Não sei quantos mais anos viverei, mas vamos ter de aprender a conviver tu mais eu, assim, no nosso estado atual. Já o dizia Séneca”.

Meteu o relógio no buraco e tapou-o. Decidiu não chorar mais. Ergueu-se com cuidado, por medo de se enjoar, o qual estava a tornar-se frequente, e regressou tão rápido como foi capaz para casa, a água já devia estar a ferver e não gostava da pataca demasiado cozida. Não tinha apetite, obrigaria-se a comer. À tristeza desse dia não queria acrescentar debili-

dade física e ainda faltava toda a tarde. Sempre se lhe faziam eternas as tardes. Tornavam-se mais curtas quando Amália tinha tempo livre e podiam falar ou passear. Encantava-lhe caminhar pola estrada com ela. Amália falava muito e falava bem, de qualquer cousa, às vezes sobre cousas da televisão, mas sobretudo dos netos, maravilhas, e do marido, fatal. Era segunda-feira, provavelmente não haveria futebol, o marido ficaria na casa e Amália não viria com ela dar o passeio. Ficou triste, mas o cheiro conhecido da água que ferve cebola e verduras levou-a de volta para o presente e lembrou-se que no dia a seguir teria a visita do condenado do seu filho. E sorriu pola primeira vez desde que tinha acordado.

### Tarde de segunda-feira

Colocou o CD no aparelho e premiu o *Play*. A voz rouca de Joe Cocker ocupou a casa, escureceu a luz do sol, abafou os vidros das janelas e o chão começou a arder-lhe debaixo dos pés. Elisa não resistiu, cantou com Joe, *You are so Beautiful*, abraçou a vassoira e dançou com ela. À merda se alguém a via, pior para eles se a ouviam. O dueto de Joe e Elisa soava como o ranger agonizante dum carro antigo, mas um carro vivo e dançante. *A guiding light that shines in the night / Heavens gift to me / You are so beautiful to me*. Finalizada a canção selecionou *Unchain my Heart* e abriu a porta que dava para